

## BLINDADOS POLICIAIS PRODUZIR OU IMPORTAR?



**Expedito Carlos Stephani Bastos**  
Pesquisador de Assuntos Militares da  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
[defesa@ufjf.edu.br](mailto:defesa@ufjf.edu.br)

Muito embora não se tenha muitas informações sobre o processo de avaliação que está sendo elaborado pela Secretaria de Estado e Segurança, para a aquisição de Veículos Blindados para a Polícia Militar do Rio de Janeiro que possam vir a substituir o “PACIFICADOR” ou “CAVEIRÃO”, atualmente em uso diário naquela cidade, com poucos resultados, o certo é que estão tentando resolver o problema.

Segundo o que foi noticiado no Blog do jornalista Sidney Rezende ([http://www.sidneyrezende.com/sec\\_blog.php](http://www.sidneyrezende.com/sec_blog.php)) no último dia 23, em primeira mão, três blindados de origem sul-africana estão entre os mais cotados, sendo eles o **GILA** da IVEMA Ltd, o **RG-32M** e o **RG-12** da BAE Systems Land Systems OMC (que adquiriu diversas empresas na África do Sul) e existe a possibilidade de um quarto proveniente de Israel, onde existe uma gama variada de veículos blindados para emprego policial, construídos sobre chassis de caminhões e caminhonetes.



À esquerda o GILA da Ivema e à direita o RG-32M da Bae Systems (Fotos: IVEMA e BAE SYSTEMS)



**RG-12 Internal Security APC (transporte de tropas blindado) da Bae Systems. (Foto: BAE Systems)**

Todos três foram construídos sobre chassis de caminhões, de procedência alemã, em sua maioria e estão sendo largamente empregados por forças policiais e forças armadas em diversas áreas conflagradas do planeta. Nada contra estes veículos.

Os três veículos são muito bons, mas não tem nada que não possa ser produzido pela indústria brasileira de defesa, gerando empregos, conhecimento e agregando desenvolvimento tecnológicos, onde diversas empresas podem muito bem fazer versões até superiores aos mencionados, principalmente em termos de blindagem, a custos menores, em alguns casos bem menores ao custo que poderá sair, por exemplo, o Gila, cujo valor unitário cogita-se girar em torno de US\$850.000,00 (algo como R\$1.700.000,00 em moeda nacional), por coincidência quase o mesmo valor unitário do 8x8 Piranha IIIC, recentemente adquiridos pelo Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha Brasileira.

Vale lembrar também que em 2003 o Centro de Avaliações do Exército – CAEx chegou a iniciar a avaliação do **RG-32M** que não foi concluída, por problemas com o veículo e já há alguns anos o Centro Tecnológico do Exército – CTEEx vem estudando uma versão policial de um veículo blindado 4x4, muito embora até o momento nada de concreto foi apresentado, a pedido da mesma Secretaria.

Diversos chassis produzidos no país por empresas como Mercedes Benz e Volkswagen para caminhões 4x4, além de outras como Ford, Agrale, etc., podem muito bem servir de base para a produção local de um blindado policial com diversas versões, além é claro de se aproveitar o que já foi concebido, desenvolvido e em alguns casos produzidos e exportados nos anos dourados das décadas de 1970 a 1990, o que derruba a tese alegada no referido texto de que não há opção para a produção seriada.

Até empresas de porte pequeno, como por exemplo, a Commando Veículos Especiais, já apresentou opções para veículos blindados policiais construídos sobre chassis de caminhões produzidos no país, bastando apenas navegar pela internet, isto sem falar em empresas especializadas como a Avibrás, Centigon, por exemplo, que possuem diversos modelos inclusive exportados a diversos países.



**Propostas conceituais da Commando Veículos Especiais para blindados policiais 4x4 construídos sobre chassi nacional que pode ser o do caminhão Mercedes Benz 1720A, 1725 ou Volkswagen Worker 15210, cujo preço final, segundo a empresa será de US\$350.000,00, com blindagem para resistir a projéteis 5.56 x 45mm AP (ponta perfurante), fuzil AR 15 e 7.62mm x 51mm AP e 30.06AP / 7.62 x 59mm AP. (Fotos: Commando)**



**Carroceria blindada construída para ser acoplada a chassi de caminhão Ford, desenvolvida pela Centigon Blindagens do Brasil Ltda e exportadas para a polícia colombiana à esquerda e à direita, produção seriada do blindado 4x4 da Avibrás AV-VBL exportado para o Exército da Malásia., construído sobre chassi Mercedes Unimog. (Fotos: autor)**

O fato de não existir no mercado interno veículos deste porte para pronta entrega, não justifica ter de importar às pressas alguns exemplares, até porque para se manter uma produção seriada é necessário saber o tamanho da demanda, e pela quantidade que a Polícia precisa nunca irá manter uma produção de longo período.

O que se precisa é ter uma dimensão do problema não só no Rio de Janeiro, mas em todo o país e a partir daí atender também às unidades policiais das forças armadas, justificando assim os investimentos das empresas para uma grande produção, com garantia de compras, o que não só ajudará as empresas brasileiras como também reduzirá a dependência externa que poderá num futuro não muito distante impedir que os veículos importados possam continuar em operação em razão dos custos de manutenção, bastando apenas ver o exemplo dos Jipes Land Rover usados por diversas forças policiais no país.

Compras de ocasião atrapalham muito mais do que ajudam, adaptações são piores ainda. O que realmente precisamos é encarar a necessidade de que realmente devemos manter uma indústria de defesa que atenda não só as necessidades das forças armadas como também das forças policiais.

Para termos e manter uma Indústria de Defesa sólida e que possa atender à demanda nacional faz-se necessário:

- readequar o nosso Parque Industrial de Defesa, com fusões de empresas, tornando-as mais competitivas e diversificadas, como tem sido feito na Europa e Estados Unidos;

- criar uma agência de aquisição e avaliação de material para as forças armadas e policiais, ligada ao Ministério da Defesa, com poder de decisão, recriando empresas estatais para produção de material de defesa que não seja de interesse das privadas (pouca lucratividade, pequenas quantidades e longo intervalo de compras), como forma de suprir e manter operacionais itens importantes que possam ser produzidos no país, evitando-se importações em escala pequena como tem ocorrido na atualidade;

- fazer uma maior interação entre os diversos centros de pesquisas, civis e militares, que, embora pesquisem as mesmas coisas, na atualidade funciona como ilhas, sem comunicação uma com as outras, gerando gastos e cometendo erros recorrentes até obterem praticamente os mesmos resultados, visto que sempre estamos a reinventar a roda, cometendo erros idênticos a cada 20 anos;

- criar regras bem definidas quanto aos itens que seriam de maior interesse para estas forças e para que os gargalos tecnológicos a serem enfrentados possam vir de cooperação oriundas de países que realmente querem e podem transferir tecnologia de ponta que muito ajudaria para salvarmos os “sobreviventes” do que foi a Indústria de Defesa Brasileira;

- conhecer o nosso passado e aí sim termos uma idéia do que pode ser aproveitado para o aprimoramento e a continuação de projetos que eram viáveis na década de 1990 e que ainda podem muito bem, com algumas modernizações, terem um grande valor para servir como base para agregar conhecimentos importantes, e, a partir daí, caminharmos para uma sofisticação maior, visto que em tecnologia não se dá grandes saltos, mas sim pequenos passos que somados possibilitem um caminhar suave e crescente;

- definir o porquê, para quê e como pretendemos no futuro, empregar essas forças, qual o nível de tecnologia que queremos e necessitamos, sendo que muitas das soluções e necessidades reais dessas forças fossem esquecidas, sonhando com um grau de sofisticação muito distante de nossa realidade, tanto que hoje continuamos a comprar equipamentos, no exterior, embora em vários casos, houvesse um similar nacional, muitas vezes superior ao que vem sendo adquirido.



[www.ufjf.edu.br/defesa](http://www.ufjf.edu.br/defesa)